

**A PRECARIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS E A SAÚDE DOS PROFESSORES NO  
ENSINO REMOTO**

**THE PRECARIOUSNESS OF TECHNOLOGIES AND THE HEALTH OF TEACHERS IN  
REMOTE EDUCATION**

**Rose Madalena Pereira da Silva**

Universidade Federal de Alagoas

rosemadalenag11@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1587-6876>

**Sara Ingrid Borba**

Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal da Paraíba

ingridsara80@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9224-7489>

**Thereza Cristine Santos Costa Brambilla**

Universidade Federal de Alagoas

therezaufal@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6097-1971>

**RESUMO:** O presente texto decorre de estudo sobre a saúde dos/as professores/as do ensino fundamental que passaram a atuar no contexto do ensino remoto. A discussão sobre esta temática preocupa-se em evidenciar o comprometimento do estado emocional docente em ensino remoto. Trata-se de uma pesquisa de estudo de caso com abordagem qualitativa. Como referencial teórico, ampara-se em autores como Bozkurt e Sharma (2020), Moore e Kearsley (2007), Oliveira (2020) e Silva (2000) para discutir o uso das tecnologias digitais e baseia-se em Dalagasperina; Monteiro (2016), Pfeffer (2019), Prado (2016) e Souza (2021) para evidenciar a importância da saúde mental dos/as professores/as para o exercício da docência, entendendo que as tecnologias devem ser usadas a serviço das pessoas e não tornar servos de um processo complexo que distancia-se do fazer docente e adoece os sujeitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Docência. Ensino Remoto. Tecnologias digitais. Saúde.

**ABSTRACT:** This text stems from a study on the health of elementary school teachers who started to work in the context of remote teaching. The discussion on this topic is concerned with highlighting the impairment of the emotional state of teachers in remote teaching. This is a case study research with a qualitative approach. As a theoretical framework, it relies on authors such as Bozkurt and Sharma (2020), Moore and Kearsley (2007), Oliveira (2020) and Silva (2000) to discuss the use of digital technologies and is based on Dalagasperina; Monteiro (2016), Pfeffer (2019), Prado (2016) and Souza (2021) to highlight the importance of teachers' mental health for teaching, understanding that technologies must be used at the service of people and not to become servants of a complex process that distances itself from teaching and makes the subjects sick.

**KEYWORDS:** Teaching. Remote Learning. Digital technologies. Health.

## Introdução

A dinâmica do mundo foi interpelada pelo vírus (SARS-Cov-2), nada mais é como antes, todo o cotidiano foi modificado frente à necessidade de se proteger, de garantir a vida das pessoas e o isolamento, uma estratégia utilizada, inclusive em nosso país. O estado de pandemia assustou as pessoas, mas a certeza de que tudo passaria em breve foi o discurso propagado e que, infelizmente, se dissipou após longos doze meses, hoje temos quase ano e meio de pandemia, muitos setores empresariais colocaram em xeque o comprometimento da economia diante da continuidade de pandemia.

Apesar do fechamento dos vários setores, a educação não parou. Ao professor/a foi-lhe imposto a obrigatoriedade de continuidade de seu trabalho. Apresentaram aos docentes o ensino remoto, o qual segundo Moore e Kearsley (2007), se diferencia da EaD, até porque, não pode ser considerado uma modalidade de ensino, mas uma ação pedagógica emergencial na qual ocorre uma certa transposição do ensino presencial para o ensino mediado por ferramentas/recursos digitais, predominantemente, ou pela proposição de materiais impressos para serem entregues aos estudantes. Diante disso, passou a ser visto como alternativa viável e possível.

Sob a motivação de que os/as estudantes não poderiam perder o ano letivo e que a “educação não poderia parar” e “os professores precisariam se reinventar”, deu-se a efetiva inserção dos/as professores/as no uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) para o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem. Lhes foi cobrado produzir vídeos para dar aulas, aprender de forma apressada, ignorando os limites pessoais dos mesmos, ausência de formação e habilidades, de tempo, de condições contextuais para de repente tornar-se designer gráfico, editor de vídeos, imagens e áudios, sob pena de ser mal-visto pela rede de ensino a qual atuava.

Ao que tudo indica, a condição emocional dos/as professores/as foi ignorada, inclusive seu contexto familiar, sua casa, local de refúgio, descanso e distanciamento parcial de suas atividades laborais, foi agora, transformada em extensão da escola.

Sua intimidade pessoal e familiar foi exposta e em muitos casos negligenciada pelo trabalho.

Considerando que a vida cotidiana do/a profissional docente é invadida pelas funções da docência em contexto de condições regulares, pode-se afirmar que na pandemia a ausência de respeito aos limites da condição de privacidade necessária à vida de qualquer sujeito, foi negada. Inclusive o direito de acolher e cuidar de sua família.

Enquanto exercia o ensino remoto aos estudantes, lutando desesperadamente para adquirir habilidades técnicas para o uso de ferramentas digitais, sua família, principalmente os seus filhos ficavam sem o atendimento, a atenção necessária em um momento que amigos, parentes adoeciam e até morriam do avassalador Covid-19.

A motivação para a pesquisa, surgiu a partir das observações das autoras, no que se refere ao próprio contexto o qual estão inseridas, a ação docente no ensino fundamental em tempos de ensino remoto. A fala dos/as professores/as em reuniões pedagógicas sobre algumas sensações como: angústia, nervosismo, estresse, irritabilidade, ausência de formação para trabalhar com ferramentas/recursos tecnológicos, precariedade de equipamentos pessoais que atendam as reais necessidades para o desenvolvimento da ação docente entre outros, passaram a ser recorrentes.

Para tal pesquisa, buscou-se responder à seguinte indagação: quais as possíveis consequências advindas da precarização dos recursos tecnológicos na saúde dos/as professores/as? E como objetivos utilizamos: evidenciar o comprometimento do estado emocional docente em ensino remoto, identificar os sintomas mais comuns desenvolvidos pelos professores/as ao serem inseridos no ensino remoto e por fim, verificar se a precarização das tecnologias potencializa o mal-estar dos/as professores/as.

A abordagem metodológica toma como pressupostos teóricos a pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, na qual foi utilizado como instrumento um questionário fechado aplicado aos professores/as, a partir de uma ferramenta digital, muito utilizada, segundo os mesmos, no contexto virtual atual, o *Google Forms*. A pesquisa tomou como âmbito virtual a rede pública de ensino de Maceió com

especificamente uma amostra de dez professores, num representativo de três escolas, realizada durante o período do primeiro semestre de 2021.

## O Ensino Remoto e o uso das tecnologias

O impacto sofrido pelos professores quando desafiados ao uso das tecnologias e seus recursos digitais, configurou-se na necessidade de inserção de metodologias que veiculassem seu uso aos processos didáticos, aos quais os/as professores/as foram cobrados/as de forma massiva em tempo mínimo e em condições adversas. Surge nessa perspectiva o ensino remoto que, de acordo com Bozkurt e Sharma (2020), trata-se de ensino de emergência. Ou seja, algo que foi criado como uma solução temporária para um cenário que precisava ter uma resposta imediata. Os autores ressaltam, que, mesmo sendo essa a forma pela qual a problemática tenha sido parcialmente resolvida, não podemos nos apropriar dele como sendo um modelo de EaD pelo uso de ferramentas/recursos os quais efetivamente são incorporados a essa modalidade de ensino, não podemos tratá-lo de forma equivalente.

Como pressuposto, acredita-se que a revolução dos meios de informação e comunicação poderiam ampliar potencializando, segundo Oliveira (2020), as possibilidades de trocas entre pares e diálogos de interação. De acordo com Silva (2000), a interação se configura pelo exercício mútuo entre duas ou mais coisas, entre duas ou mais pessoas, ação recíproca. Para Oliveira (2020), o ensino remoto “não se trata de mais uma metodologia para sobrecarregar ainda mais os docentes, já tão atarefados com novos aprendizados e demandas durante a quarentena” (Oliveira, 2020, p.1), mas sim de uma proposta em promover com o apoio a tecnologia, “aprendizado conjunto, manutenção e criação de vínculos e laços” entre os/as professores/as e estudantes.

Entretanto, pode-se afirmar que mesmo com o avanço tecnológico ao alcance de todos, por exemplo, simplesmente com um *smartphone* em mãos já poderia possuir acesso à educação, porém, na realidade, constatamos que esse processo não é bem assim: os/as professores/as e estudantes não possuem acesso de forma satisfatória para atender às exigências postas, revelando a presença marcante de

cenários de exclusão; os/as professores/as em sua maioria, não possuem habilidades e competências ao uso eficiente dos recursos/ferramentas tecnológicas em sua prática pedagógica, pois aconteceu uma modificação drástica do processo de ensino e aprendizagem.

É necessário, afirma Santos (2021) “exigências conjunturais severas”, ou seja, para uma elaboração de trabalho eficaz deverá haver exigências para ao menos o resultado ser significativo, mas nem sempre, para a autora, “isso é feito de uma forma que algum treinamento, seja oferecido para que os trabalhadores lidem com as especificidades de suas tarefas executadas através de plataformas digitais e dispositivos tecnológicos” (Santos, *et al.*, 2021, p. 6). Esses/as professores/as tiveram que se adaptar à nova realidade, ter que mediar o conhecimento exclusivamente a partir das TDIC. Evidenciando que o potencial educacional da internet é para todos, pois a facilidade comunicacional, através de diferentes mídias, como a imagem, o áudio e o texto, é fundamental para as interações, é preciso destacar que esse cenário não fazia parte da bagagem de competências dos/as professores/as.

A eles/as foi exigido “uso imediato” destas ferramentas/recursos no processo ensino aprendizagem. A pressão sobre os/as professores/as aconteceu sob a condição do medo da contaminação com o vírus, desconhecido de todos, até então, doenças e em alguns casos, perdas familiares; assim caminhavam os docentes, tendo ignoradas suas limitações, sua estrutura familiar e seu emocional. E, sob tais exigências, os mesmos foram convocados a colocar sua imagem no mundo virtual, buscar ferramentas/recursos pedagógicos tornando seu *smartphone* uma ferramenta pública para o ensino, assim como espaços de seu ambiente privado. Por outro lado, tiveram valiosas contribuições na construção de espaços virtuais de aprendizagem que dinamizaram a comunicação entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino remoto.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) preconiza, especificamente no art. 32, que “o ensino fundamental será presencial, sendo a modalidade de ensino a distância utilizada como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais” (Brasil, 1996, p. 11) sendo homologada para formalizar o ensino remoto, pelo MEC (Brasil, 2020) a qual declara como legal a carga horária de ensino remoto na rotina diária de trabalho docente. Partindo desse

pressuposto legal, a ideia parte do entendimento em manter a rotina de sala de aula realizada no ensino remoto no mesmo horário que seria realizada no ensino presencial.

### **A saúde físico e mental docente no desenvolvimento do Ensino Remoto na pandemia**

O momento o qual estamos vivenciando desde março de 2020 com o agravamento da pandemia de COVID-19 e das consequências associadas à própria doença, é desgastante. Os/as professores/as foram literalmente inseridos no processo de ensino remoto sem que fosse levado em conta, os riscos à sua saúde, advindos da utilização de recursos tecnológicos precários e o quanto esse fator poderia prejudicá-los/as física e mentalmente.

De acordo com Dalagasperina; Monteiro (2016), a referência inicial na literatura a respeito do impacto do estresse no trabalho docente foi há cerca de 40 anos e relata a situação como um fenômeno que se configura por emoções negativas resultantes de vivências durante a atividade de trabalho: estados de raiva, inquietação, tristeza e tensão. Desde a década de 1980, o estresse passou a ser considerado mundialmente pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um fator de atenção para a redução do bem-estar e da qualidade de vida associado ao trabalho, resultando em um impacto emocional e comportamental do desequilíbrio mente e corpo.

Na direção apresentada, o mal-estar docente tende a ser aumentado por vários fatores como: cansaço físico pelo uso do corpo em uma mesma posição durante muito tempo nas aulas remotas, estresse pelo excesso de atribuições e cobranças de preenchimentos de fichas e formulários, frustração por perceberem que não possuem condições de atuar efetivamente no ambiente virtual sugerido, observar que seus alunos e alunas não conseguem interagir por vários motivos (ausência dos aparelhos digitais, conexão e/ou habilidades) e diante destas condições os/as professores se sentem praticamente sozinhos, frente a realização das aulas remotas e principalmente em meio aos seus sentimentos e carga emocional.

Para Pfeffer (2019), as pessoas desconhecem suas reações aos estados de estresse máximo relacionados ao trabalho e quando se deparam com os sentimentos gerados, ocorrem falhas em competências emocionais fundamentais para lidar com elas. Os fatores elencados acima tendem a desenvolver uma alteração intensa e significativa na rotina do docente, o que pode desencadear um alto nível de estresse, alterações das emoções e do sono e níveis elevados de ansiedade, fatores que podem ser basilares para o adoecimento do docente.

Apesar da educação tratar do processo de ensino e aprendizagem, da importância da afetividade e das emoções construídas nas interações do ambiente escolar, especificamente da sala de aula, aos professores e professoras da educação básica tais aspectos foram ignorados, transformando-os na maioria das vezes em meros executores de atividades que fugiam de seu cotidiano educativo. Segundo Prado (2016), existem alguns tipos de atividades, principalmente aquelas cujos trabalhadores/as prestam assistência ou são responsáveis pelo desenvolvimento ou cuidado de outros, que expõem os indivíduos a um desgaste emocional maior.

Do ponto de vista do ambiente de trabalho, fazer do próprio ambiente doméstico o local de trabalho, em tempo integral, trouxe consequências pouco exploradas para a saúde dos profissionais da educação que sustentam, por longa data, esse híbrido entre compromissos contratuais e afazeres da vida privada. (Souza *et al*, 2021, p. 02).

Ao professor/a foi apresentado este novo contexto, ter que transformar sua casa a qual antes era seu lar, ambiente de descanso com essa nova configuração, passou a ser um lugar cheio de processos escolares, com horários e rotinas próprias desse tipo de espaço. Desse modo, torna-se pertinente a pesquisa metodológica em busca de saber quais as possíveis consequências advindas da precarização dos recursos tecnológicos na saúde dos/as professores/as? Em complemento, evidencia-se o comprometimento do estado emocional docente em ensino remoto, a fim de identificarmos os sintomas mais comuns desenvolvidos pelos professores/as ao serem inseridos no ensino remoto e por fim, iremos verificar se essa atual precarização das tecnologias potencializou no adoecimento dos/as professores/as. A seguir, detalharemos todo o percurso metodológico para a elaboração da pesquisa.

## A pesquisa e seus caminhos metodológicos

Toda pesquisa científica necessita, segundo Ventura (2007) definir seu objeto de estudo e, a partir daí, construir um processo de investigação, delimitando o universo que será estudado. Consideramos que “pesquisar requer fazer uma escolha” (Ventura, 2007, p. 383) e para a produção deste texto utilizamos o estudo de caso qualitativo como tipo de pesquisa.

Em complemento, a autora afirma que é preciso significado, objetivos definidos, estrutura e apresentação de evidências suficientes para a elaboração da pesquisa. Sendo necessário um delineamento para construção da análise do caso abordado.

Segundo Gil (1995), o estudo de caso não aceita um roteiro rígido para a sua delimitação, mas é possível definir quatro fases que mostram o seu delineamento: (a) delimitação da unidade-caso; (b) coleta de dados; (c) seleção, análise e interpretação dos dados e (d) elaboração do relatório/artigo.

Na primeira fase, (a) consiste em delimitar o caso. Para isso, delimitamos em analisar a resposta da seguinte indagação: quais as possíveis consequências advindas da precarização dos recursos tecnológicos na saúde dos/as professores/as? E como objetivos utilizamos: evidenciar o comprometimento do estado emocional docente em ensino remoto, identificar os sintomas mais comuns desenvolvidos pelos professores/as ao serem inseridos no ensino remoto e por fim, verificar se a precarização das tecnologias potencializa o mal-estar dos/as professores/as.

Na segunda fase (b), coletamos os dados, consentidos e voluntários, das respostas dos docentes por meio do questionário fechado enviado por e-mail utilizando a ferramenta *Google Forms*.

Como terceira fase (c), para a realização da pesquisa, utilizamos as respostas dos dez professores da rede pública de ensino na cidade de Maceió - AL em um representativo de três escolas, realizado durante o período do primeiro semestre de 2021. Como fase (d), elaboramos esse texto, a fim de registrar dados que possibilitariam evidenciar a precarização das tecnologias e a saúde dos professores com o ensino remoto em tempos de pandemia.

## Análise dos dados

No andamento da elaboração da pesquisa, foi necessário a análise dos dados coletados a partir da aplicação do questionário, a fim de observar efetivamente quais foram os fatores elencados pelos/as professores/as que tendem a potencializar o adoecimento do docente. O perfil, como já mencionado, dos/as professores/as são atuantes na rede pública de ensino na cidade de Maceió/AL em um representativo de três escolas.

Todos os 10 professores/as solicitados, responderam voluntariamente o questionário, contribuindo para a análise significativa da pesquisa. Como todas responderam serem do sexo feminino, vamos utilizar de agora em diante “professoras” referindo-se as respostas e análises obtidas a partir delas.

Ao serem perguntadas se possuíam aptidão em utilizar a tecnologia para ensinar remotamente, levando em consideração a sua formação acadêmica, apenas uma respondeu que se sentia com capacidades na utilização desses recursos tecnológicos, já 8 delas evidenciaram que se sentem parcialmente capacitadas e outra professora revelou não possuir aptidão ao uso das tecnologias. Ou seja, nessas respostas, percebemos o quanto na formação acadêmica é crucial metodologias e discussões ao uso das ferramentas tecnológicas como recursos apoiados ao ensino e aprendizagem.

Segundo Locatelli (2018), a ideia de que tecnologias, como essas utilizadas pelas professoras entrevistadas, facilitam o processo de ensino e aprendizagem está ligada ao fato de que esse tipo de tecnologia entra na vida do homem, segundo ela, para facilitar e desenvolver habilidades, tornando-os participantes da sociedade do conhecimento. A autora destaca, que não adianta usar, por exemplo, o computador para continuar realizando as tradicionais tarefas e atividades, para ela, esse ato é um grande desperdício da potencialidade do que o recurso pode fornecer.

Com isso, tornando-se necessário não só tê-las, ou seja, ter somente acesso às tecnologias não bastaria, mas também saber utilizá-las e por este motivo, perguntamos às entrevistadas se haviam dificuldades em utilizar equipamentos tecnológicos e mídias digitais (*apps*, *softwares*) na gravação e/ou edição de vídeo aulas ou, até mesmo, para as aulas em tempo real. Em resposta, apenas uma

professora afirmou não ter dificuldades, 4 afirmaram possuir dificuldades e 5 delas revelaram que essa dificuldade seria parcialmente na utilização das tecnologias o que reflete no cenário que havíamos comentado ao longo dessa pesquisa, muitos dos/as professores/as não obtiveram formação acadêmica ou continuada como relatado na pergunta anterior ou até mesmo cursos voltados ao uso desses recursos tecnológicos.

Dessa maneira, essa ausência é refletida mais acentuadamente com o período pandêmico da Covid-19 que evidenciava medidas com o combate ao vírus, como sabemos, com o distanciamento social e profissional, obviamente, muitos professores/as tiveram que necessariamente utilizar as tecnologias para a elaboração de suas aulas remotas.

Na formação desse novo cenário, protegidos em casa e com inúmeras atividades a serem realizadas não só com os familiares que também estavam em casa repletos de medo de um vírus extremamente nocivo, mas também com plataformas nunca vistas, chamadas virtuais, planejamentos, metodologias, problemas com acesso à internet, estudantes afetados psicologicamente, tarefas e acompanhamentos virtuais, processos avaliativos com apoio unicamente das ferramentas tecnológicas, aplicativos dinâmicos apresentados sem nenhuma formação anterior e o tempo rapidamente sendo consumido por um profissional que já havia tanto a fazer.

A pergunta seguinte foi justamente relacionada ao tempo, ao excesso dele na dedicação das professoras a elaboração das aulas, que já era grande na modalidade de ensino presencial, como resposta, elas afirmaram que as aulas remotas exigem ainda mais tempo, não existindo tempo mínimo ou delimitação para execução de todas as exigências e afazeres para esse processo de ensino e aprendizagem.

Para a psicóloga Carla Jarlich, especialista em educação, em entrevista ao jornal Gazeta de Alagoas, afirma que “professores estão sendo levados à exaustão na pandemia”, para ela, seria fundamental alertar e discutir sobre essa exaustão mobilizando a sociedade, já que a saúde mental dos/as professores/as também teria impacto direto na vida cotidiana de milhares de famílias.

É perceptível o quanto a qualidade do tempo e seus afazeres estão ligados à qualidade de vida, especificamente a saúde mental de qualquer ser humano, daí a importância de questionarmos com mais uma indagação às entrevistadas: diante

desse cenário pandêmico quais foram os sintomas sentidos com frequência advindos da mediação por meio das aulas remotas, e as respostas foram, o que já esperávamos: exaustão, para 6 entrevistadas e ansiedade para 4 delas, apesar de termos elencado mais opções como irritabilidade, nervosismo e tensão muscular, elas apenas assinalaram, como já mencionado, a exaustão e a ansiedade, totalizando 10 profissionais que se sentem constantemente exaustas e ansiosas em todo esse processo remoto.

O que confirma Jarlich (2021), em revelar, que esse conjunto de fatores como o tempo e essa exaustão podem, sim, afetar a saúde mental dos/as professores/as, pois se sentem (e são) extremamente exigidos pela sociedade, pela escola, pelas famílias dos/as estudantes, e ela menciona, que até mesmo os/as próprios/as professores/as se cobram, porque, como profissionais, também querem realizar um trabalho de qualidade. Além desses dois sintomas citados, disponibilizamos mais uma oportunidade para elencar ou apenas mencionar mais sintomas, o desânimo foi apontado como um sintoma por algumas delas e a preocupação nas escolhas de atividades significativas, porém elas enfatizaram mais uma vez, na exaustão e ansiedade que são consequências do cenário vivenciado diariamente por elas.

O que reflete nitidamente no resultado obtido em uma das perguntas em que questionamos a respeito do sentimento de segurança, ou seja, se elas se sentiam seguras diante do cenário atual de pandemia, 8 responderam que se sentem inseguras, 1 muito insegura e 1 segura. Nenhuma das participantes assinalou “muito segura”. As respostas ao questionário apresentadas aqui, nos convocam a refletir sobre o cenário que vem sendo vivenciado por professores/as do mundo todo, mas que se torna mais agravante em alguns países, dentre eles o Brasil, pois temos a precariedade no que se refere a formação desses sujeitos, de equipamentos tecnológicos e de conexão eficiente de internet. Tais fatores agregados a outros pré-existentes podem promover o agravamento do mal-estar do docente.

## Considerações finais

A incidência mundial a qual estamos expostos, a *Covid 19*, revelou a fragilidade humana, bem como das condições de trabalho as quais profissionais da

educação vêm enfrentando ao longo dos tempos. Foi-nos apresentado o quanto o mundo se encontra em meio a uma revolução científica e tecnológica na qual a educação não deve somente se adaptar às novas necessidades sociais, e sim assumir um papel de ponta nesse processo.

Diante dos estudos desenvolvidos a partir da pesquisa, buscou-se evidenciar o comprometimento do estado emocional docente em ensino remoto, além de identificar os sintomas mais comuns desenvolvidos pelos professores/as ao serem inseridos no ensino remoto e por fim, verificar se a precarização das tecnologias potencializa o mal-estar dos/as professores/as.

Evidencia-se ao analisar as respostas do questionário, que a precarização dos recursos tecnológicos associado a falta de formação para utilizar tais recursos/ferramentas, excesso de tempo utilizado para a ação docente e exigências burocráticas (preenchimento de planilhas, planejamentos etc.) fazem com que os/as professores/as se sintam exaustos e ansiosos.

Foi possível verificar a partir da pesquisa, que ocorreu uma piora acentuada na saúde do/a docente inserido no processo de aulas remotas, uma vez que as respostas ao questionário utilizado para coletar os dados para o desenvolvimento da pesquisa nos trouxeram que a maioria delas relatam exaustão e ansiedade, fatores que provavelmente potencializam o desenvolvimento de doenças no aspecto físico e mental.

Muito resta a ser discutido e estudado sobre o mal-estar docente causado aos professores/as ao serem inseridos em processos de ensino remoto e quais serão as sequelas deixadas por ele.

Reconhecemos a complexidade do atual momento no qual vivemos, seja ela, de cunho político, social, pedagógico e emocional. No entanto, ressaltamos que as reflexões tecidas em torno da precarização das tecnologias e a saúde dos/as professores/as no ensino remoto são necessárias e contribuem para o reconhecimento da necessidade urgente de políticas voltadas a melhoria das condições de trabalho e valorização docente, sobretudo, em contextos adversos como o da pandemia, causada pelo vírus (SARS-Cov-2) o qual trouxe à tona as singularidades da atuação do/a docente, particularmente, em ensino remoto.

## Referências

1. ARAÚJO, Alessandra Queiroz de Cerqueira. VASCONCELOS, Cristiane Regina Dourado. Educação em tempos de pandemia: A prática de Ensino remoto na percepção de professores. **XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)**. GT08 - Formação de Professores. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: [http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/20/6954-TEXTO\\_PROPOSTA\\_COMPLETO.pdf](http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/20/6954-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf). Acesso em: 17 jul. 2021.
2. BOZKURT, Aras; SHARMA, Ramesh Chander. Emergency Remote Teaching in a Time of Global Crisis Due to Coronavirus Pandemic. **Asian Journal of Distance Education**, Nova Deli, v. 15, n. 1, p. 1-6, 2020. Disponível em: <http://asianjde.org/ojs/index.php/AsianJDE/article/download/447/297>. Acesso em: 16 jul. 2021.
3. BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CPN. 5/2020 de 28 de abril de 2020. **Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14511-pcp005-20&category\\_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14511-pcp005-20&category_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 17 jun. 2021.
4. DA EDITORIA DA REVISTA MARÉ. Professores estão sendo levados à exaustão na pandemia. **Gazeta de Alagoas**, Ano 87, nº0, publicado em 27 fev. 2021. Disponível em: <https://d.gazetadealagoas.com.br/mare/302273/professores-estao-sendo-levados-a-exaustao-na-pandemia>. Acesso em 26 ago. 2021.
5. DALAGASPERINA, Patrícia; MONTEIRO, Janine Kieling. Estresse e docência: um estudo no ensino superior privado. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 37-51, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/5154>. Acesso em: 23 ago. 2021.

6. GIL, Antônio.Carlos. **Como elaborar projetos e pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas; 1995.
7. LOCATELLI, Tamiris. A Utilização de Tecnologias no Ensino da Química. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, 8. ed. Vol. 04, p. 5-33, Agosto de 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/tecnologias-no-ensino>. Acesso em: 26 ago. 2021.
8. MOORE, Michael Grahame; KEARSLEY, Greg. **Educação a Distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
9. OLIVEIRA, Maria Victòria. **Tecnologia facilita interação e aprendizado entre pares durante aulas remotas**. Disponível em: <https://porvir.org/tecnologia-facilita-interacao-e-aprendizado-entre-pares-durante-aulas-remotas/>. Acesso em: 27 jul. 2021.
10. PFEFFER, Jeffrey. **Morrendo por um salário: como práticas modernas de gerenciamento prejudicam a saúde dos trabalhadores e o desempenho da empresa - e o que podemos fazer a respeito**. Rio de Janeiro: Alta Book, 2019.
11. PRADO, Claudia Elisa Papa. Estresse ocupacional: causas e consequências. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, Americana, v. 14, n. 3, p. 286-289, 2016. Disponível em: <https://www.rbmt.org.br/about-the-authors/122/pt-BR>. Acesso em: 23 de ago. 2021.
12. SALAS, Paula. **Como o ensino remoto e a quarentena está abalando a saúde mental dos professores?** Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/19401/ansiedade-medo-e-exaustao-como-a-quarentena-esta-abalando-a-saude-mental-dos-educadores>. Acesso em: 16 jul. 2021.
13. SANTOS *et al.* Ensino remoto: análise das implicações para a saúde do docente em tempos de pandemia de Covid-19. In: SANTOS *et al.* **Educação: sociedade civil, estado e políticas educacionais**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.
14. SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro, RJ: Quartet, 2000.
15. SOUZA, Kátia Reis de et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde [online]**. 2021, v. 19.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00309>. Acesso em: 18 jul. 2021.

16. VENTURA, M. M. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **Revista SOCERJ**. Rio de Janeiro, n. 20, v. 5. setembro/outubro. 2007, p. 383-386.

Disponível em:  
[http://unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/o\\_estudo\\_de\\_caso\\_como\\_modalidade\\_de\\_pesquisa.pdf](http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/o_estudo_de_caso_como_modalidade_de_pesquisa.pdf). Acesso em: 12 jul. 2021.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).